Desconfiança fiscal forçou BC a paralisar corte na Selic, dizem economistas

economia.uol.com.br/noticias/redacao/2026/11/04/selic-analistas.ghtm

Wanderley Preite Sobrinho November 4, 2026



BC mantém taxa Selic em 13,75% Imagem: O Antagonista

A escalada da desconfiança dos investidores sobre as contas públicas e o aumento das projeções para a inflação forçaram o Banco Central a interromper a sequência de quedas e manter a taxa de juros (Selic) em 13,75% ao ano, avaliam analistas de mercado. Eles afirmam que a decisão era a única saída possível para conter a alta do dólar, mas alertam que a manutenção dos juros em patamar elevado prejudica a atividade das indústrias e dificulta o alívio de famílias e empresas endividadas.

O que dizem os economistas

A interrupção da queda dos juros "era a única decisão cabível". O recuo dos juros não pôde continuar por causa do descrédito do mercado em relação à capacidade de o governo cumprir as metas inflacionárias nos próximos anos, avalia o economista José Júlio Senna, ex-diretor do Banco Central. "Com a virada das expectativas, não tinha como dar continuidade à queda nos juros", afirma.

A fragilidade das contas públicas e o endividamento do governo, das famílias e das empresas limitam a capacidade de reação do país. A piora da situação financeira do setor público dificulta qualquer plano estatal de socorro em momentos de crise econômica, diz Senna, o que força o setor privado a diminuir o ritmo para reorganizar o caixa. "O passivo do governo [endividamento] piorou muito, 11 pontos percentuais, tornando difícil o setor público ajudar a economia em situações delicadas", aponta.

O atual desajuste nas expectativas exigiria do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) um sinal de responsabilidade fiscal. "Seria importante que o presidente designasse um ministro da Fazenda comprometido a mudar esse jogo que ficou adverso", afirma o economista.

A manutenção da Selic seria o remédio amargo para os "desafios" que a economia brasileira vem enfrentando. "Depreciação do câmbio, incertezas em relação à agenda econômica e a piora das expectativas de inflação", enumera Silvio Campos Neto, economista-sênior e sócio da consultoria Tendências. Ele já esperava que o Banco Central "mantivesse uma postura mais cautelosa" na reunião de hoje, uma condição que ele julga necessária até "essa volatilidade mais intensa se dissipar".

*Aí no ano que vem o BC pode retomar essa queda gradual em meados do ano, até porque a economia tende a andar num ritmo mais fraco ao longo de 2027.***Silvio Campos Neto, economista**

A decisão "é a postura desejável", analisa a XP. "Em um cenário com incerteza muito acima do habitual, tanto lá fora quanto no ambiente local, a serenidade e a cautela fazem bastante sentido: não se comprometer com as próximas decisões", diz Rodolfo Margato, economista da XP. "Em relação ao front internacional, o Copom mudou um pouco a caracterização do ambiente, colocando como 'mais adverso', contra 'permanece incerto' da comunicação anterior, devido ao prolongamento dos conflitos no Médio Oriente, com impacto sobre o preço do petróleo bruto e seus derivados."

Sem um ajuste fiscal, o mercado financeiro continuaria desconfiado do governo. "A indefinição quanto à condução das contas públicas pode pressionar os prêmios de risco e a taxa de câmbio, com potenciais efeitos sobre a dinâmica inflacionária", diz Elisa Machado, economista chefe da KAT Investimentos.

A piora nas expectativas de inflação superou a preocupação com a desaceleração da economia. "Embora a atividade econômica esteja perdendo força, o Banco Central demonstrou pouca disposição para antecipar novos cortes enquanto o mercado continuar exigindo prêmios de risco mais elevados", analisa Sidney Lima, da Ouro Preto Investimento.

"O principal ponto de atenção não é apenas o nível dos juros, mas a dificuldade de reduzi-los de maneira sustentável".

Continua após a publicidade

A decisão de hoje exigirá planejamento do empresariado. "O recado para o setor produtivo é que o custo do dinheiro continuará sendo um fator importante nas decisões empresariais", afirma Roberta Folgueral, diretora comercial da B&T XP.

Para quem trabalha com exportação e importação, a necessidade de organizar o caixa é ainda maior. Controlar os gastos com empréstimos e acompanhar a oscilação diária do dólar pode proteger o lucro das empresas. "Importadores e exportadores precisam administrar o custo financeiro junto com a exposição cambial, os prazos das operações e as margens comerciais", diz Folgueral.

É provável que os cortes na Selic só voltem no ano que vem. "Diante da piora simultânea das projeções e do diagnóstico de curto prazo, avaliamos que o Copom deve manter a Selic em 13,75% também na reunião de dezembro", diz Camilo Cavalcanti, gestor de portfólio da Oby Capital. "A pausa deve durar até que as expectativas de inflação melhorem. Caso essa melhora não ocorra, (...) o debate sobre um novo ciclo de alta pode ser retomado em 2027."

*Embora a desaceleração da atividade econômica pudesse abrir espaço para a continuidade do ciclo de cortes, a deterioração das expectativas de inflação e a assimetria altista do balanço de riscos recomendam cautela.***Elisa Machado, economista**

Setor produtivo critica decisão

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) classificou como conservadora a decisão de manter a taxa de juros básica em 13,75% ao ano. A entidade argumenta que a prolongação do aperto monetário mantém o crédito caro, prejudica o orçamento de empresas e famílias e freia a atividade econômica real do país. "É possível continuar diminuindo os juros em ritmo compatível com a convergência da inflação para a meta, sem impor à economia um custo maior do que o necessário para assegurar a estabilidade dos preços", aponta Ricardo Alban, presidente da CNI.

Continua após a publicidade

O desajuste fiscal do governo e a falta de equilíbrio nas contas públicas não devem ser combatidos com a penalização do setor produtivo. De acordo com a CNI, o endividamento do setor público retroalimenta as taxas e gera desconfiança no mercado, mas a transferência desse custo para as empresas e consumidores inviabiliza novos

investimentos. "Manter a Selic em patamar restritivo resulta na transferência do custo do ajuste para as famílias e as empresas, já pressionadas pelo endividamento elevado e pelo crédito caro", critica a entidade.

Os reflexos do aperto monetário já sufocam a indústria e indicam retração no faturamento. A sondagem industrial mais recente aponta que os estoques do setor atingiram o maior nível em três anos, ao mesmo tempo em que mais da metade dos empresários prevê queda nos lucros e maior necessidade de socorro financeiro para pagar fornecedores. "A manutenção da taxa básica de juros em patamares elevados por um período prolongado vem endurecendo as condições de crédito, encarecendo o capital de giro e desestimulando decisões de investimento e consumo", diz a CNI.

A Associação Paulista de Supermercados (APAS) cobrou mais criatividade do BC. "Está na hora de o Banco Central adotar uma política monetária que tanto controle a inflação quanto não prejudique o ritmo de atividade econômica", diz Felipe Queiroz, economista-chefe da entidade. "A atividade econômica tem sido impactada duramente ao longo dos últimos meses, com a taxa de juros muito elevada. Isso porque nós temos uma inflação que está controlada: hoje, o IPCA acumulado em 12 meses está em 4,58% - pouco acima do teto da meta."

*Um país de dimensões continentais como o Brasil, e com a necessidade de investimentos, hoje, a nossa taxa básica de juros é um impeditivo ao crescimento econômico.***Felipe Queiroz, economista**

O jornalismo é o antídoto a falsos especialistas, vídeos fabricados e algoritmos que premiam quem grita mais. O custo é real: tempo, método, equipe, tecnologia e advogados para suportar pressão e retaliação.

Mais do que uma compra, sua assinatura é assumir uma posição: garante os recursos para uma produção editorial independente.

Defenda a verdade.
Assine o UOL

30 uol ANOS